

FISCHER, Izaura Rufino. *A Trabalhadora Rural: Conscientização Política e Social na Empresa Agrícola Moderna*. Recife: Massangana, 2000. 190 p.

É notoriamente exígua a literatura voltada para a problemática específica da mulher assalariada situada no meio rural da sociedade brasileira. *A Trabalhadora Rural: Conscientização Política e Social na Empresa Agrícola Moderna*, da economista Izaura Rufino Fischer, originalmente dissertação para obtenção do título de mestre pela Universidade Federal de Pernambuco, constitui incursão pioneira na investigação científica desse campo. Já nasce, desse modo, livro obrigatório a quem quer que, no Brasil – e não apenas no Nordeste –, pretenda conhecer o assunto.

Embora conceda ênfase aos aspectos econômicos do seu objeto, o trabalho de Izaura Rufino Fischer não se confina, contudo, a uma perspectiva economicista, na medida em que explora áreas de intersecção da economia com a educação, no mais amplo sentido deste termo, e, através do estudo das associações de classe e dos movimentos sociais, aspectos tradicionalmente rotulados como sociológicos. Filia-se, desse modo, o livro resultante da sua pesquisa, à grande tradição da pesquisa social pouco preocupada em cingir-se a fronteiras supostamente nítidas entre os domínios convencionalmente demarcados entre as várias ciências do social. Neste sentido, representa exercício modelar de interdisciplinaridade na pesquisa social entre nós.

Tendo como objetivo estudar “...o processo de conscientização vivenciado pela assalariada rural no trabalho coletivo”, com base na hipótese de que “...o assalariamento contribui para o desenvolvimento da consciência da trabalhadora”, o trabalho de Izaura Rufino Fischer fundamenta-se teoricamente no pensamento de Paulo Freire e, mais especificamente, na concepção do processo de desenvolvimento da consciência do indivíduo em relação à sua situação no mundo objetivo e, conseqüentemente, na sua sociedade, como necessariamente constituído das fases da consciência transitiva, transitiva ingênua e, finalmente, consciência crítica, como resultado das práticas coletivas e individuais no dia-a-dia.

Conforme observa a autora: “Expulsa do campo, a mulher é arremetida para o trabalho agrícola remunerado, onde passa por um

processo de sociabilidade que abre caminho para a conscientização” e que a conseqüente “...apreensão da realidade, indispensável ao processo de conscientização, dificilmente seria feita pela mulher dona-de-casa”. Assim, procura a pesquisadora analisar o modo “...como a trabalhadora superou as desvantagens históricas do isolamento no lar, da privação de práticas de organização, e desenvolveu sua consciência de classe”.

Compreensivelmente, não é de hoje o interesse da autora sobre o tema deste livro, como bem atesta o trabalho, realizado em colaboração com Lígia Albuquerque, *O Trabalho Feminino*.¹ Trata-se, portanto, de trabalho amadurecido através de longo e íntimo contato da pesquisadora com o objeto de sua investigação.

Amparado em sólida e exaustiva literatura sobre a matéria do seu livro e, principalmente, em pesquisa de campo conduzida com exemplar correção e rigor científicos, *A Trabalhadora Rural* representa, repita-se, contribuição de inquestionável originalidade sobre o seu tema específico, assim como trabalho da mais alta relevância entre os estudos sobre a condição social da mulher brasileira no campo, constituindo, assim, motivo de orgulho para a Fundação Joaquim Nabuco, por se situar na categoria do que de melhor tem sido realizado pelos pesquisadores desta Instituição.

Sebastião Vila Nova
Fundação Joaquim Nabuco
Universidade Católica de Pernambuco

HEIDEGGER, Martin. *Nietzsche, Metafísica e Nihilismo*. Trad. M. A. Casa Nova. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000. 294 p.

Martin Heidegger, que até meados do século XX dividia a celebridade com outros pensadores, inclusive Jaspers, veio aos poucos ocupando o proscênio e aparecendo como o filósofo mais estudado ou pelo menos mais citado do Ocidente no novecentos. E entrará pelo século XXI, ao que parece. Talvez uma parte desta vasta fama se deva ao confuso problema de suas relações com o nazismo; deve-se também, é claro, ao mérito de sua obra e também à “fortuna” (*habent sua fata libelli*) que esta teve. E um pouco, quem sabe, ao charme do romance com Hannah Arendt.

Grande pensador, sem dúvida; mas não tão grande quanto julgam